

Psicologia Militar

Diferenças Individuais

MAJOR
R. SYLVESTER

Como a medicina, a psicologia se subdivide logicamente em especialidades ou campos. O estudo das *diferenças individuais* constitui uma grande divisão da ciência, cabendo-lhe com maior propriedade o nome de "psicologia diferencial", que a distingue de outros ramos — psicologia dos anormais, psicologia experimental, psicologia educacional, etc. De um modo geral, entretanto, a psicologia diferencial trata de todas as diferenças de comportamento dos indivíduos, ligando-se, pois, aos diversos ramos acima mencionados. No que interessa ao militar, a finalidade fundamental do estudo da psicologia aplicada consiste em compreender melhor o comportamento do homem. Esse é também o objetivo da psicologia diferencial; ela dá ao comandante militar a capacidade de analisar as atitudes das tropas e compreender melhor por que reagem desta ou daquela maneira.

As diferenças individuais se verificam em toda a escala da

vida orgânica, desde sua forma mais simples até a do homem. As classificações pseudocientíficas, procurando grupar as pessoas em categorias perfeitamente definidas, estabelecem distinções qualitativas baseadas em observação superficial e extracientífica; seus critérios foram estabelecidos arbitrariamente pela sociedade e não têm o apoio da pesquisa experimental. O provérbio — de noite, todos os gatos são pardos — traduz bem esta tendência a desprezar as diferenças mentais, físicas e emocionais. Um exame mais minucioso revela que os indivíduos se distinguem nitidamente uns dos outros.

O fato de que, de um modo geral, sempre se reconheceu a existência das diferenças individuais é comprovado pelos grupamentos biológicos e sociológicos que têm servido de base para as instituições e os costumes da civilização moderna. Infelizmente, essas distinções tão amplas têm com frequência resultado em atitudes e

instituições sociais e políticas que ignoram por completo a individualidade dos componentes dos grupos.

Em trabalho anterior em que foram analisados os fatores fisiológicos e sociológicos do desenvolvimento humano, ficou dito que a hereditariedade e o meio eram as influências que o condicionavam. É igualmente certo que as causas das variações individuais dependem também destas influências. A dinâmica da diferenciação individual é muito complexa para sujeitar-se a uma classificação exata dos traços de caráter e comportamentos que são herdados e dos que se adquirem. O fato de que as diferenças individuais são mais quantitativas do que qualitativas torna desnecessária a classificação em tipos ou grupos.

Natureza das diferenças individuais

Pode-se perguntar se as influências do meio têm força para modificar as características hereditárias do indivíduo e, ainda, se tais alterações dependem dos fatores que se herdaram. Já tocamos nesse assunto. Os irmãos e as irmãs que apresentam grandes diferenças individuais, constituem ótimo exemplo. Embora sujeitos a um mesmo ambiente, evidentemente, herdaram traços característicos diferentes, apesar de serem filhos dos mesmos pais. Por outro lado, filhos de uma mesma família, criados por pais adotivos, oferecem um bom exemplo do efeito das influências do meio; entre dois irmãos

que viveram em lares de níveis sociais muito desiguais pode-se constatar uma diferença da ordem de vinte e cinco pontos nos índices intelectuais. Todo indivíduo herda um organismo físico muitíssimo complexo não apenas de seus pais, mas também das gerações anteriores. Não é, pois, surpreendente o fato de se observarem as maiores variações de habilidade, aptidão e físico, mesmo entre irmãos. As vezes, os gêmeos constituem uma exceção; alguns não se parecem mais do que irmãos de partos diferentes (gêmeos heterólogos), mas outros, que resultam da divisão de um mesmo óvulo fecundado, apresentam idênticos traços característicos (gêmeos homólogos). São notavelmente semelhantes em inteligência, aptidões, físico e até mesmo em gostos. A diversidade do ambiente pode, contudo, provocar grande diferenciação desses traços.

Na guerra passada, o Exército fez o possível para não separar os irmãos gêmeos, medida muito acertada no que se refere ao moral. No caso, porém, de gêmeos heterólogos, os inconvenientes costumavam ser maiores do que as vantagens, sobretudo quando eram matriculados numa escola, como, por exemplo, de radiotelegrafia, em que um deles brilhava enquanto que o outro falhava completamente por falta de habilidade, interesse ou aptidão para o serviço.

A teoria de que os *gens* são os portadores da hereditariedade explica por que algumas crianças são tão diferentes de seus pais. O plasma germinativo que cons-

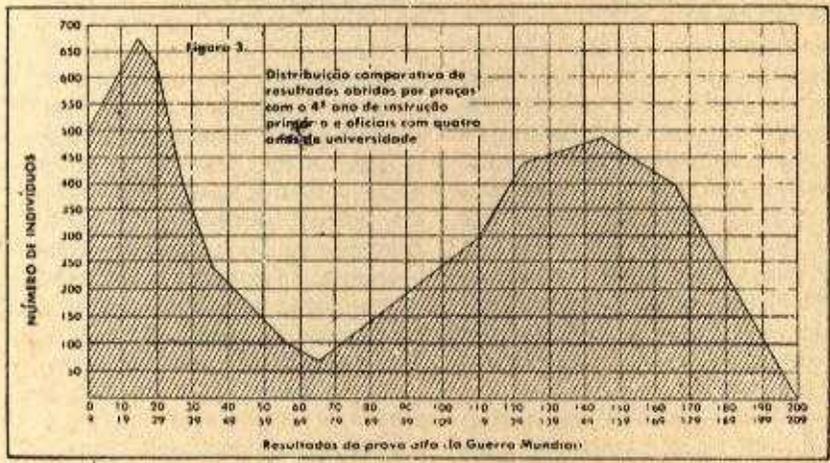
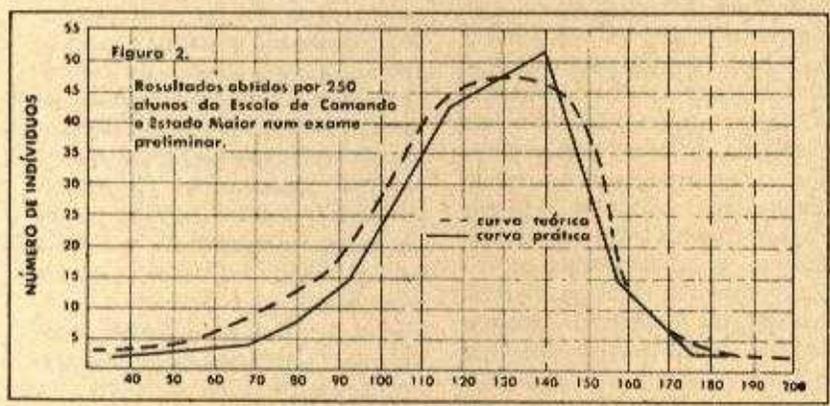
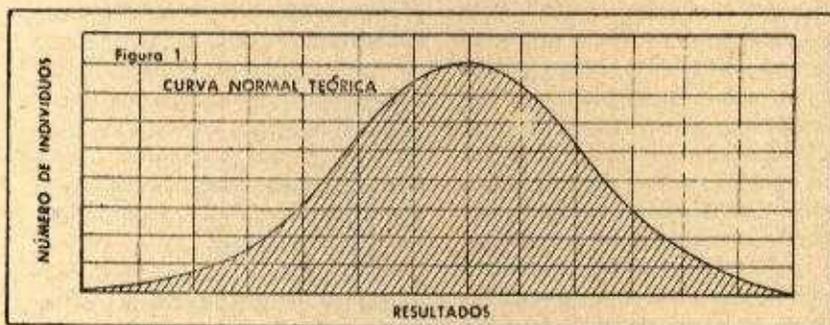
titui o veículo das qualidades inerentes à sua família não foi produzido apenas pelos seus pais; estes não fizeram mais do que transmiti-lo, tal como avós e outras gerações já haviam feito. O indivíduo herda traços e características não somente de seus pais, porém de todos os antepassados. Desta forma, uma determinada combinação dos *gens* pode resultar num traço ou caráter que ficou em estado latente durante várias gerações ou que nunca se manifestou; por isso, a criança pode não se parecer coisa alguma com o pai ou com a mãe. Essa impossibilidade dos pais modificarem as características inerentes aos filhos implica a nulidade do bem intencionado esforço das mães que procuram influenciar o caráter ou a personalidade de seus rebentos, entregando-se a pensamentos elevados, leitura de obras-primas de literatura ou audição de músicas clássicas, durante o período da gestação.

Distribuição das diferenças individuais

O comandante militar que conhece as diferenças individuais encara seus homens com objetividade; dificilmente cometerá o engano muito comum de classificá-los de acordo com a chamada teoria bimodular dos tipos, de acordo com a qual as pessoas se distribuem em duas categorias em relação a cada traço particular; podem ser introvertidas ou extrovertidas, imbecis ou inteligentes, bravas ou covardes, honestas ou desonestas, etc., não se admitindo que os indivíduos possam diferir entre si por graus

progressivos. As diferenças individuais podem ser ilustradas graficamente por uma curva de distribuição. Desde que o número de indivíduos examinados seja suficientemente grande, os resultados aparecerão como uma "curva normal de distribuição", isto é, uma curva simétrica em relação a uma vertical passando por seu ponto máximo.

A Fig. 1 mostra uma curva regular, determinada teoricamente representando a distribuição ideal. Na Fig. 2, vemos a distribuição freqüente dos resultados obtidos por 250 dos alunos que são submetidos ao exame preliminar ou "termômetro", por ocasião de sua matrícula na Escola de Comando e Estado-Maior. Podemos observar que, ainda mesmo se tratando de um grupo mais ou menos selecionado, a curva se aproxima bastante da que representa a distribuição normal. As linhas interrompidas indicam a distribuição ideal dos resultados; a linha contínua é a curva realmente traçada de acordo com os graus obtidos pelos alunos. A Fig. 3 constitui um exemplo de curva bimodular; para construí-la, foi necessário combinar os resultados alcançados por dois grupos muito selecionados, visto não haver dados baseados num exemplo verdadeiramente militar. Em outras palavras, se uma unidade fosse composta de dois grupos selecionados, como os que escolhemos, essa seria a curva bimodular que se havia de obter. A instrução de uma unidade constituída por dois grupos tão diferentes exigiria o máximo dos recursos de seu comandante. Isto não quer



dizer, naturalmente, que nunca houve uma unidade composta de indivíduos pertencentes a dois grupos extremos. O comandante que verificasse uma reentrância pronunciada na curva dos resultados obtidos por seus homens nas provas de classificação militar, aptidão ou habilidade, teria uma unidade difícil de instruir, pois que isso seria uma indicação de que lhe faltava o soldado normal ou de capacidade média. Esse comandante iria ter a difícil tarefa de lidar com um grupo de soldados de valor acima do normal e, ao mesmo tempo, com outro grupo de deficientes.

A curva representada na Fig. 1 é monomodular — tem um só módulo (chama-se módulo o resultado que é alcançado pelo maior número de indivíduos de um grupo). A maioria dos indivíduos se concentra em torno do *maximum* da curva; os demais se distribuem de um lado e do outro, em números sempre decrescentes.

A teoria bimodular dos tipos, representada na Fig. 3, diz que todas as pessoas imbecis se reúnem numa das extremidades da escala e as geniais, na outra, em dois grupos bem distintos. No caso, porém, de uma unidade normal, o comandante militar pode contar com a presença de elementos superiores, medíocres e inferiores, no que concerne à inteligência, à capacidade, à habilidade, ao interesse e à emotividade, com muito poucos indivíduos localizados nas extremidades da curva, enquanto que o grosso de seus homens se agrupa no centro, como mostra a Fig. 2.

O comandante de subunidade tem a maior facilidade para verificar a existência das diferenças individuais entre os soldados de sua companhia ou bateria. Além do registro de suas alterações revelarem diferenças ponderáveis, como as indicadas pelos resultados de várias provas, poderá observar diferenças no seu aproveitamento de dia para dia. No caso de alguns homens, a classificação dada inicialmente talvez tenha de ser modificada; certas habilidades que passaram despercebidas virão à luz. Outros mostrar-se-ão deficientes para a função que lhes coube. Ainda outros lucrarão com treinamento especial, recebido na unidade ou em escolas. As diferenças de adaptação de personalidade, interesse e estímulo complicarão ainda mais o esforço do comandante para integrar todos os seus homens num conjunto coeso.

A experimentação tem demonstrado que nenhum ente humano é superior, medíocre ou inferior em todas as qualidades que possui. Na verdade, a maioria de suas qualidades se dispõe em torno da média relativa ao grupo, mas poderá ter alguns traços característicos acima da média e outros muito abaixo. Um homem considerado medíocre pode apresentar variações no conjunto de suas qualidades que o coloquem muito acima da média em determinadas características; pode também possuir traços ou aptidões que nunca se revelaram. Eis aí uma consideração importante quando se trata de designar funções. Um soldado, às vezes, desempenha dada função com indiferença ou mesmo com defi-

ciência, porque ela exige dele muito mais do que pode dar; poderla, entretanto, sair-se bem num trabalho mais de acordo com suas limitações.

Relação entre as características físicas e mentais

A pesquisa intensiva que vem sendo feita no campo da psicologia diferencial tem lançado luz considerável sobre a teoria dos tipos, que procura estabelecer uma relação entre a personalidade do indivíduo e suas características físicas. A interpretação dos dados obtidos nos ensaios realizados é difícil de expressar quantitativamente, em virtude não apenas das complexidades inerentes a todas as investigações psicológicas, mas ainda pela dificuldade de controlar as numerosas variáveis. Ainda que todos os indivíduos escolhidos para uma investigação fossem da mesma idade, possuíssem idênticas características físicas e se submetessem a um exame sob condições rigorosas, os dados seriam perfeitamente questionáveis, em consequência da extraordinária dificuldade de controlar os fatores sociológicos, que se revestem da maior importância. Indivíduos de camadas sociais diferentes não reagem da mesma forma aos vários estímulos, nem possuem os mesmos concomitantes físicos. O soldado que foi criado num lar cujo padrão de vida era precário e não teve os benefícios da assistência médica regular, boa alimentação e facilidades para o desenvolvimento intelectual, reagirá de modo muito diverso do que foi criado num lar

superior. Como caso isolado, poderá proporcionar alguns dados comprovantes da relação mensurável entre o desenvolvimento mental e físico, porém a correlação será tão pequena, que não terá significação; melhor ainda, dificilmente se prestará a servir de critério para a classificação de outros indivíduos, com bases totalmente distintas.

O estudo das relações entre os traços fisionômicos, o tamanho da cabeça ou o desenvolvimento do corpo e os dotes intelectuais e emocionais do indivíduo têm dado resultados sempre pouco satisfatórios e mesmo negativos. É difícil compreender como a frenologia consegue subsistir em nossa civilização esclarecida. Seria muito interessante se as bossas cranianas indicassem com segurança o funcionamento do córtex, que fica sob as mesmas. Se a superfície do crânio acompanhasse as circunvoluções cerebrais, suas ondulações seriam muito mais impressionantes do que reveladoras!

Muitas pessoas que desprezam as diferenças individuais o fazem por força de idéias tradicionais. Os indivíduos de semblante ascético, com testa alta, rosto afilado e físico delgado, são considerados possuidores de inclinações "artísticas" ou "intelectuais", os de aparência oposta passam por lerdos, com dificuldade de aprender, porém merecedores de confiança. Esta teoria recorre aos "estereótipos" para identificar modalidade de comportamento com aspectos físicos e consegue despertar muito interesse, mas as pesquisas exaustivas e análi-

ses dos dados colhidos não a têm confirmado. As correlações verificadas são pouco mais significativas do que as da frenologia.

Inter-relação das capacidades

Uma descoberta interessante que se fez na pesquisa relativa às diferenças individuais é que as características que um indivíduo possui se entrelaçam num conjunto, dando lugar a determinada capacidade. A inteligência parece constituir um destes conjuntos, da mesma forma como a habilidade mecânica, a destreza atlética e a coordenação das reações motoras. É curioso, entretanto, que as diversas faculdades componentes de um conjunto se correlacionam bem entre si numa prova referente à capacidade em questão, mas são praticamente independentes das faculdades que constituem outra capacidade. Por exemplo, um soldado que demonstra habilidade para a mecânica de automóvel sair-se-á bem em toda prova que verifique a habilidade mecânica de um modo geral, mas os dons que lhe asseguram esta habilidade parecem não auxiliá-lo em outros domínios, como na matemática, na música ou na eloquência. Grosso modo, a inteligência se manifesta em todas as aptidões, mas um soldado que alcança os melhores resultados na prova de classificação militar e se mostra capaz de resolver problemas complicados de matemática ou falar e escrever corretamente não será necessariamente capaz de apresentar a mesma eficiência no manejo de um rádio ou nos trabalhos me-

cânicos. Por exemplo, centenas de indivíduos foram submetidos a uma prova de aptidão mecânicas são completamente inteligência; os resultados obtidos, não revelaram qualquer correlação positiva; parece que as duas coisas são completamente independentes uma da outra.

Efeito da instrução sobre as diferenças individuais

De tudo o que se refere à psicologia diferencial, o que talvez apresenta o maior interesse para o comandante militar é o problema de instruir soldados de diversos tipos. Até mesmo os débeis mentais melhoram com a instrução, desde que haja tempo suficiente. Não há dúvida que muitos indivíduos que foram excluídos do serviço militar por inaptidão poderiam chegar a ser bons soldados se houvesse tempo para instruí-los. A esse propósito, a opinião atual do Exército é que poucos deviam ter sido rejeitados; seria possível aproveitá-los em trabalhos de estiva, depósitos de aprovisionamento e como mão-de-obra, tanto na Zona do Interior como nos teatros de ultramar. Surge, porém, a questão relativa à amplitude das diferenças individuais no meio dos homens reunidos para a instrução. Ao terminar o período fundamental, estarão todos igualmente preparados? Os mais aptos progredirão mais rapidamente e aprenderão melhor? As mesmas diferenças relativas persistirão no fim do período?

A pesquisa intensiva que tem sido realizada a respeito destas

questões demonstra que as diferenças individuais aumentam com a prática. Os indivíduos que revelaram inicialmente ser melhor dotados aprenderão mais, ao cabo do mesmo tempo de instrução. O comandante que julgar possível tomar cem homens de sua unidade, ao acaso, e conseguir, ao cabo de um prazo determinado, preparar cem soldados de instrução uniforme, realizando uma prova que apure quantitativamente o valor dessa instrução verificará que os resultados darão lugar a uma curva normal de distribuição. A diferença de aproveitamento dos instruídos fará aparecer uma pequena percentagem de soldados retardatários e excelentemente preparados nas duas extremidades da escala; a maioria se agrupará no centro, declinando-se a curva progressivamente para um lado e para o outro. Ao organizar um programa de instrução, é preciso levar em conta os extremos da distribuição normal; a seleção para matrícula nas escolas deve igualmente tomar por base tanto a capacidade dos indivíduos, avaliada quantitativamente, como seus interesses pessoais e as necessidades do Exército.

Resumo

As diferenças individuais da raça humana resultam da ação recíproca entre a hereditariedade e o meio. Nenhum destes fatores determina por si só a grande amplitude das diferenças de natureza mental, e de personalidade que existe entre os indivíduos:

Ao que parece, a hereditariedade estabelece limites fisiológicos além dos quais o homem não pode progredir. Nem a prática mais intensiva poderá melhorar além de certo ponto o desempenho de um indivíduo de capacidade limitada. Essa impossibilidade de progredir é até capaz de determinar uma queda do rendimento, em consequência do desânimo, aborrecimento ou desinteresse.

A influência do meio parece ser tanto restritiva quanto estimulante do desenvolvimento humano. Um indivíduo de talento mediocre jamais poderá ser elevado à categoria de gênio por efeito de um ambiente superior, da mesma forma como um indivíduo superior, não conseguirá ter atuação acima do nível da mediocridade se o meio em que vive não lhe fornecer os incentivos para isso.

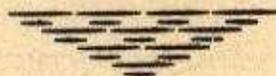
Um programa de instrução bem organizado elevará o nível de eficiência do trabalho de um indivíduo, mas não eliminará as diferenças individuais, nem modificará consideravelmente a sua posição relativa aos companheiros que tiveram o mesmo preparo.

As diferenças individuais se manifestam em ambos os sexos e em todos os grupos sociais, as raças e as nacionalidades. A concepção de que uma raça qualquer possa ser superior às demais, como, por exemplo, o arianismo absurdo dos nazistas, não encontra fundamento na psicologia, nem na biologia. Examinando a Alemanha nazista, vemos os poderosos efeitos do meio sobre o comportamento do indivíduo; não seria possível citar um melhor exemplo de como o pensamento

e a personalidade de uma nação inteira podem ser moldados e dirigidos. Entretanto, mesmo nesse caso o processo não apresentou uniformidade; as diferenças individuais se evidenciavam com a maior clareza.

Foi um desastre para as nações agressoras imaginar o contrário.

Os matizes e as sutilezas da conduta humana, em todas as suas complexas ramificações, têm de ser reconhecidos e levados em consideração, não importa que se trate de um simples grupo de combate ou de uma divisão inteira ou, ainda, da própria nação.



SOBRE A ORIGEM DA PROFISSÃO MILITAR

"Ocorria, de outra parte, que o trabalho nos campos e nas oficinas constituía missão pacífica, sem outros deveres além do labor diligente na produção indispensável. Os encargos do guerreiro porém criavam o dever do sacrifício pessoal extremo quando surgisse o imperativo da ação. Não tardou também que a sua primitiva tarefa relativa a um patrimônio material se ampliasse para a guarda de um acervo de ordem moral, espiritual e cultural, envolvendo já o conceito de glória e de honra.

Foi a aristocracia de guerreiros que começou a dar sentido definitivo aos povos e nacionalidades".

Theodorico Lopes e Gentil Torres in "Evolução Histórica".